



O DIALECTO DO SERTANEJO NORTISTA

O caipira do Norte, como os bravos gaúchos do Rio Grande, possui também a sua linguagem especial e pittoresca, que não deixa de ter o seu engenho e a sua graça. Ella constitue quasi um dialecto, que se torna por vezes incompreensível para os que não estiverem acostumados a ouvi-lo.

Eis aqui uma amostra dessa linguagem, extrahida do "Diccionario Chronographico do Estado da Parahyba", de Coriolaro de Medeiros, e com a qual um conterraneo do Sr. Epitacio Pessoa, actual presidente da Republica, faz a narração do rapto da sua cabocla:

— Mofumbei a biscaia no lombo do barreiro e, patinhando em ovos, abiquei o rancho sem respiro. Assuntando o logar, vi que me areei no breu da noite; roçando os enxames, chamo cambitos pra guente e topei ca miunça remoendo na latada. Arranco medonho! Apalacado o estrupição, destampe as ouças no espaço do caniço. Dentro batiam bocca Joaquim ca espingarda:

— Oia Maria, se levanta vista pro cabra, mostro de quantos paus se faz uma cangaia.

E ella disse por aqui assim:

— Não é com medo do seu boquejar, seu Quinca, qui eu não ligo outras calças; é coisa que nem bate o papo, e nem deixo sua fia espigar qualquer bengala-fumengas.

— O bafafá durou que nem o tempo, mas, na primeira cantada, tudo era queto

como um lagedo. Tirei entonce a espinha da cobra e dei o risco do trato; primeira vez, nem mode coisa, segunda vez, mesmo tom. Repeti arrogante e quasi não retragava: a caboca espirrou alisada e de fita, como se já fosse pros pés do padre. Era mangerona só".

Vae agora a traducção em bom portuguez:

— Ocultei a egua por trez do balde do açudinho e pisando de leve cheguei ao oitão do casebre e fiquei immovel. Examinando o lugar, percebi que me enganara devido á escuridão da noite. Encostei-me á parede e marchei, indo encontrar, cabras e cabritos ruminando na latada. Os animaes espantaram-se. Serenando o rumor, escutei entre os fundos da porta de varas. Dentro da casa, Joaquim discutia com a amasia:

— Fica sciente, Maria, que se olhares para o cabra, dou-te uma grande sóva!

— E ella respondeu deste modo:

— Não é por temer suas ameaças, seu Quinca, que eu affirmo que outro homem não merece minha attenção, e nem consinto que sua filha namore qualquer João Ninguem.

A discussão durou muito tempo, mas ao primeiro canto do gallo, tudo ficou silencioso como um lagedo. Saquei da faca e fiz o signal combinado. Da primeira vez nada de resposta; da segunda vez ainda nada; repeti mais forte e quasi não termino de riscar; a cabloca surgiu rapida, penteada e enfeitada, como se já não fossemos casar. Cheirava somente a mangerona.

A LUA CORNEA

Meio seculo depois da descoberta do Brasil, um sabio hollandez, Fabricius, notou a acção negrejante da luz solar sobre um sal de prata. As invenções naquella época eram em extremo lentas no evoluir — engatinhavam, andavam de muletas, com estações de desesperantes somneiras pelo caminho. O facto observado por Fabricius era o primeiro passo da photographia; para chegar ao segundo, porém, ao passo industrial dado com Niepce e Daguerre, foram precisos quasi tres seculos de incubação em numerosos cerebros, alguns superiormente dotados na bossa inventiva, como os de Humphry Davy e Wollaston.

Se resuscitassem, hoje, esses precursores, que assombro o seu deante das consequencias maravilhosas em que se desabrochou a singela reacção solar sobre o chloreto de prata — ou *lua cornea*, como lhe chamavam então!

A photographia virou um dos elementos fundamentaes do mundo moderno. Não ha sciencia nem industria que não deva a esse instrumento insubstituivel o melhor dos seus actuaes progressos. O que ella possibilitou não tem conta, como é imprevisivel o muito que ella ainda traz latente no bojo.

Quando parecia estacionada, tendo dado de si tudo, abrolha da grande arvore um galho novo, imprevisto, aberto numa florescencia de possibilidades que tonteia de vertigens a imaginação. A cinematographia foi um desses galhos. Recentissima, coisa de hontem, já conquistou ella o mundo, e imprimiu no andamento do progresso um rythmo novo. Sua influencia no mundo de amanhã será tão grande como o foi no de hoje a da imprensa. E é possivel, mesmo, que seu destino seja sobrepôr-se á imprensa, sabalternizando-a como instrumento de propagação de idéas. E que substitua, em grande parte, o jornal e o livro. Tanto o jornal como o livro funcionam como vehiculos de imagens cerebraes, mas vehiculos ronceiros que exigem um elevado indice de cultura no leitor. E que exigem tempo, elemento cada vez mais escasso na atropelada vida moderna; e dinheiro — e cada vez mais porque o livro encarece vertiginosamente; e ainda cer-

tas disposições de espirito não realizadas com frequencia. Já o cinema, vehiculo de imagens de muito maior envergadura, pede menos dinheiro, menos cultura e menos disposições mentaes especialissimas. Está, pois, predestinado a bater o livro em uma boa parte do seus dominios e, quem sabe? a propria imprensa.

Entre nós sua "actuação" já é formidavel e muito mais dilatada que a do livro. Calculando-se para os 700 cinemas existentes no Brasil a média de um espectáculo com cem espectadores por dia, temos 70.000 pessoas que "lêem" diariamente as novellas cinematographicas dadas á projecção. Pergunta-se: haverá, não dizemos 70.000, mas 7.000 novellas impressas, lidas por dia? O movimento de vendas nas livrarias está longe de indicar este algarismo, o que prova o enorme avanço já conquistado pela novellistica muda, "lida" na tela, sobre a novellistica guttenbergiana, lida em livros.

Nos Estados Unidos os algarismos tonteiam. Vinte e cinco milhões de pessoas recorrem diariamente ao *shadowland*. E' facil imaginar a força prodigiosa dum instrumento de idéas que se alarga em taes proporções.

À novella popular, pelo systema antigo, quer em folhetins de jornaes, quer em brochuras baratas, *sub specie* Escrich, Ponson & C., está morta entre nós, onde, aliás, nunca teve grande desenvolvimento graças á barreira inexpugnável do nosso fantastico analfabetismo. A proporção, nas capitales e no interior do paiz, entre a novella vista e a novella lida, seria, talvez, de uma para mil. E a inclinação da balança, favoravel á "vista", cresce dia a dia. Só no Estado de S. Paulo existem cerca de 300 salas de leituras dedicadas exclusivamente á novellistica cinematographica. E todas se enchem á noite, ao passo que as salas de leitura *vieux-jeu*, dos gremios literarios, recreativos e dansantes, ou das bibliothecas municipaes, vivem ás moscas. Boecja dentro dellas um "tomador de conta", com a oabeça povoada de imagens das Dorothys americanas, ancioso por que anoiteça e possa elle, trancando aquella "jossa", ir regalar-se com a arte mimica da gentilissima Pickford. Nninguem mais surge ali, como outrora, para um serãozinho de Escrich, nem meninas em crise romantica,

frechadas por Cupido, mandam pelas crioulinhas buscar um romance "bem amoroso, seu Chico Traça, que tenha uma condessa pallida e um Raul moreno, de olhos bem pretos, como o meu Lulú..."

As **misses** americanas, ricas de belleza e saude, senhoras duma arte personalissima que não revê o molde dos conservatorios francezes, acrobatas, nadadeiras insignes, mestras na arte de dominar, cavalgar, amansar espadados representantes do sexo forte, empolgam em absoluto á nossa gente masculina. Em casa, vindos da fita, deante da esposa amarellida, toda nervos e medo ás baratas, elles sonham uma outra vida, mais forte, mais bella, perfumada de lindas mulheres num paiz de devancio onde tudo corra na maciota cinematographica.

As meninas, romanticas ou realistas, essas, viraram mysticas, dum mysticismo novo. Como as d'outrora esposas de Jesus, todas hoje esposaram mais ou menos, **in mente**, os George Walsh, os Wallace Reid, os William Farnum, essa pleiade de succulentos heroes modernos, magnificamente bellos, esplendidamente fortes. E suspiram de decepção piedosa quando, fóra da tela, os Chiquinhos, Lulu's e Pedrocas côr de terra, sem peito, sem hombro, sem musculos, sem belleza, approximam-se dellas para um côrte de namoro.

— Amo-te, Julieta! Pede-me a vida, pede-me o impossivel... Tudo farei para demonstrar o meu amor!

— Quero que você, Romeu, faça como o Tom Mix, naquella noite: apanhe o meu lenço do chão numa galopada de cavallo!...

Romeu coça a cabeça. Em materia de equitação seu heroismo não vae além de montar eguas mansas, ultra-lerdas, só de andadura.

E as Julietas suspiram...

Até as creanças se fanatizam pelo **shadowland**. Nos cinemas do interior reservam-lhes os bancos da frente, com entradas a 200 réis, e ellas ali deliram, torcendo, como no futebol, em pról do heroe do dia e applaudindo-os com delirio no momento da victoria.

Tom Mix, William Hart, Eddie Polo, Antonio Moreno e outros *cow-boys* maravilhosos povoam hoje os cerebros infan-

tis, impregando-os fortemente dum ideal novo.

Porque o cinema americano renova, resurge a cavallaria andante. Dá-lhe fórmas actuaes, logicas e modernas, conservando-lhe, porém o espirito.

Hart é o moderno **Roldão**. Suas proezas excedem ás do valoroso par de França que morreu em Roncesvalhes. No começo, em suas primeiras fitas, limitava-se a vencer um inimigo, depois de luta corporal ao vivo, dum realismo electrizante. Não lhe bastou isso. Foi além. Passou a vencer dois, tres, dez inimigos. Hoje, Hart vóga em plena phase rolandesca, a phase aurea do paladino, quando enfrenta a exercitos de 300.000 mouros e, relampagueando a Durindana, fendia craneos aos milheiros, decepava cerce vinte cabeças de reis abaçanados e punha afinal em desbarato a mourisma inextinguivel.

A ultima fita de William Hart dá a impressão dum capitulo da "Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França", posto em linguagem e ambiente modernos. Vence elle, sósinho, uma cidade inteira de bandidos—dessas cidades de taboas, improvisadas no Far-West pelo elemento **rascal** do plethora yankee. Estão todos os habitantes mãos da cidade reunidos na tasca de Sheriff, que é o chefe da malta, commentando, entre goles de whisky, os crimes que commetteram, quando se abre a porta e surge a figura retvezada de Hart, com dois enormes Colt nas mãos, engatilhados. Estarrecimento geral. Assombro. Pavor. Os braços se erguem lentamente. Hart, immovel, géla os bandidos. Seu olhar de féra magnetiza o Sheriff, que, vencido, ergue tambem os braços. Na platéa a creançada delira em convulsões de entusiasmo a ponto de faisca electrica: — E' agora!

Na tela, Rolando continua immovel, e mantém immobilizada a mourisma de braço ao ar. Subito, num movimento brusco, ergue o revólver para o tecto e "casca" um tiro no lampeão de petroleo. E outro, e outro e outro, em todos os belgas da tasca. O imprevisito do lance estarrece a creançada e leva ao apogéo o pavor dos mouros. O petroleo derramado inflama-se. Chammias fumarentas tremem pela sala. O rei mouro Abderraman-

Sheriff, arrastado pelo desespero, mal quebra a immobildade, num gesto de defesa, cae incontinentemente varado pela baia mortal de Rolando. Situação horrorosa: ou assados vivos no incendio ou varados pelo revólver de Hart! A creançada inteira está de pé, com arrepios de cabelo, numa suprema tensão de nervos.

Mas a fumarada envolveu a scena e o desenlace ficou á mercê da imaginação de cada um. No ultimo quadro Rolando passa, a galope, com um vulto de mulher á garupa. Salva! Salva! E some-se, emquanto, ao longe, a cidade dos bandidos arde num incendio pavoroso...

E' pura cavallaria andante. E' idealismo industrial dos melhores quilates. Ensina a generosidade, a defesa do innocente, o castigo do máo e a força invencível da boa causa. Cervantes não matou a cavallaria. O espirito della persiste e, para honra da humanidade, está mais vivedoiro do que nunca. E está influenciando poderosamente a elaboração da mentalidade do nosso povo, que encontra, afinal, uma escola. **Jéca Tatu'** aprenderá nella a perdoar com generosidade o erro dos fracos e a punir o crime dos fortes. Aprenderá a mover-se, a correr, a nadar, a ser homem com H maiusculo em todas as situações da vida. O Brasil de amanhã não se elabora aqui. **Vem**, em pelliculas, de Los Angeles, enlatado como marmellada. E a dominação yankee vae-se operando, agradavelmente, sem que o assimilado o perceba. Tudo porque, em 1857, um **holandez** notou que os raios solares ennegreciam a lua cornea. 1857.

Monteiro Lobato.

(Correio da Manhã — Rio).

#### WAGNER E O BRASIL

Do nosso collega de Porto Alegre, o "Correio do Povo", recortamos este interessante trecho da chronica enviada para alli pelo escriptor portuguez sr. João Grave, sobre a opera de Wagner "Tristão e Isolda":

"O que talvez se não saiba é que "Tristão e Isolda" esteve para ser cantada, a primeira vez, aqui no Brasil, no theatro Lyrico do Rio de Janeiro! Mauricio Kuf-

ferath, um dos mais notaveis criticos e commentadores das operas wagnerianas, assim o assevera, documentando as suas afirmações. O imperador d. Pedro II — que Victor Hugo, o forjador titanico dos "Cast'gos", comparou a Marco Aurelio, pela bondade, pela magnanimidade e pela sabedoria — esteve prestes a ser para Wagner o que para o immortal musico-grapho foi o rei Luiz da Baviera.

Com effeito, na primavera do anno de 1857, antes de Wagner se entregar inteiramente á elaboração concepçional e á realisação de "Tristão e Isolda", recebeu a inesperada visita de uma notavel personalidade brasileira que se dizia enviada de d. Pedro II e que lhe apresentava, commovidamente, a sincera expressão das sympathias e da admiração do soberano. Ao mesmo tempo, manifestando os vivos desejos do imperador, convidou Wagner a fixar residencia na capital do Brasil, onde teria de escrever uma opera destinada ao theatro italiano do Rio. O convite emocionou o criador sublime da "Tetralogia", que a sua patria, por odios politicos, se não cansava de perseguir: — e houve um instante em que Wagner quasi se decidiu a embarcar para a America do Sul, onde uma patria hospitaleira lhe offerencia, com o agasalho affavel, a gloria. Se o autor insigne de "Lohengrin" então fosse para o Brasil, esta nacionalidade generosa e incomparavel teria gravado um dos seus mais brilhantes capitulos na historia da arte—e o Rio de Janeiro seria para os devotos wagnerianos e cidade santa que Munich é hoje para elles.

Wagner, porém, desistiu da viagem, certamente dissuadido por amigos e admiradores. Comtudo, numa carta a Liszt, de 8 de Maio de 1857, allude claramente a esta proposta que lhe afagou o seu orgulho de artista: e Mauricio Kufferath é de opinião que a idéa de escrever uma partitura para o theatro italiano e que lhe foi suggerida pelo monarcha brasileiro, teve uma dominante influencia no espirito de "Tristão e Isolda". O Brasil pôde legitimamente envaidecer-se com este facto!...

Ainda em outra carta ao glorioso Liszt sobre este assumpto, Wagner diz textualmente: — "Tenho um projecto interessante acerca de "Tristão". Penso, na reali-